

HORA DE ACÇÃO DE GRAÇAS

D. ANTÓNIO RIBEIRO
Cardeal Patriarca de Lisboa

Homilia na concelebração eucarística, na Igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa (27-6-92).

Louvor a Deus

1. A nossa celebração eucarística de hoje reveste-se de uma tonalidade diferente, em relação a outras que costumávamos oferecer, na data do falecimento de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Após a beatificação deste Servo de Deus, efectuada em Roma no passado dia 17 de Maio, é necessariamente diversa a perspectiva que agora nos reúne, à volta do altar da Eucaristia. Já não é de sufrágio a nossa celebração, mas antes de jubilosa acção de graças ao Senhor.

Como o Apóstolo S. João, no trecho da primeira leitura, convido-vos, pois, antes de mais, a erguer ao céu um vigoroso cântico de louvor pelas admiráveis graças de santidade que Deus vai concedendo à Igreja de Jesus Cristo, em todas as gerações. Sim, «louvai o nosso Deus, vós todos os seus servos, e vós que O temeis, pequenos e grandes!» (Ap. 19,5). Dai louvor e glória ao Cordeiro imaculado, Cristo Senhor, que reveste a sua Igreja daquele «linho fino, brilhante e puro» que são as obras justas dos santos (cf. Ap. 19,7-8). Glorificai-O e exaltai-O, particularmente hoje, pelas virtudes heróicas de perfeição cristã com as quais exornou o Beato Josemaria, agora proposto pela Igreja aos fiéis como exemplo digno de ser imitado.

A veneração dos santos

2. Diz o Concílio Vaticano II que os santos — e no seu grau também os beatos — são nossos mestres de vida espiritual, nossos guias no caminho da comunhão com Cristo e nossos intercessores junto de Deus (cf. LG. 50).

Enquanto mestres de vida espiritual e guias de comunhão com Cristo, ensinam-nos, com o exemplo da sua vida, «um caminho seguro, pelo qual, por entre as realidades efémeras deste mundo e segundo o estado e condição próprios de cada um, podemos chegar à união perfeita com Cristo, na qual consiste a santidade». Cada um a seu modo, exprime uma parcela da única

santidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em cada santo, Deus manifesta aos homens, de maneira muito concreta e palpável, o esplendor da sua presença e da sua face, e dá-lhes um sinal vivo do seu Reino. Quem, algum dia, teve a felicidade de se cruzar, na vida terrena, com um desses bem-aventurados que a Igreja canoniza, é testemunha desta revelação sobrenatural, desta epifania do divino no humano, que por vezes nos marca profundamente para o resto da existência.

Os santos conduzem-nos a Cristo e atraem-nos para o alto, com o fulgor da sua santidade. Diz, a este propósito, o Concílio: «Assim como a comunhão cristã entre os peregrinos nos aproxima mais de Cristo, assim também a comunhão com os santos nos une a Cristo, do qual procedem, como da fonte e cabeça, toda a graça e a própria vida do povo de Deus» (Ibid.).

Na fé da Igreja, a veneração a prestar aos santos não é matéria livre, deixada unicamente à nossa sensibilidade religiosa individual. Ninguém poderá, pois, dizer que para si os santos não contam e que basta Jesus Cristo como referencial de fé e de vida cristã. Também, neste ponto, é sobejamente clara a afirmação do Concílio Vaticano II, fundada na Tradição da Igreja e em declarações solenes de concílios anteriores: «É muito justo—declara o texto conciliar—que amemos estes amigos e co-herdeiros de Jesus Cristo, nossos irmãos e grandes benfeitores, que dêmos a Deus, por eles, as devidas graças, lhes dirijamos as nossas súplicas e recorramos à sua intercessão, ajuda e patrocínio para obter de Deus benefícios, por seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor e Salvador único» (Ibid.).

A Igreja adverte-nos, é certo, contra os abusos que por vezes se verificam na devoção dos fiéis e nas formas de culto consagrado aos santos. Há excessos e defeitos que importa corrigir. Serão sempre desviadas e inaceitáveis aquelas formas de devoção e de culto que não conduzam a Jesus Cristo, ou melhor, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Modelo de vida cristã

3. Na homilia da Missa da beatificação, o Santo Padre propõe aos cristãos o Beato Josemaria como modelo de vida, digno de ser imitado em vários aspectos.

Antes de mais, como exemplo de fé alicerçada na consciência forte do essencial da condição cristã. Diz o Papa: «A vida espiritual e apostólica do novo Beato esteve fundamentada no facto de ele saber, pela fé, que era filho de Deus em Cristo. Desta fé alimentava-se o seu amor ao Senhor, o seu ímpeto evangelizador, a sua alegria constante, inclusive nas grandes provas e dificuldades que teve de superar». Uma tal consciência viva de que, por Jesus Cristo, somos de facto filhos de Deus, constitui a trave-mestra do sólido existir cristão. Se ela não falta, tudo o mais virá por acréscimo.

Em segundo lugar, o Papa refere aquilo a quem chama a «intuição sobrenatural» do novo Beato. Com grande vigor, ele sublinhou a vocação universal de

todos os cristãos à santidade e ao apostolado, realizados no concreto da vida quotidiana. Ele deu-se conta de que, só por essa via, era possível superar o divórcio entre a fé e a vida, e animar cristãmente as realidades temporais, que tecem o dia-a-dia da existência humana. E apercebendo-se da importância primordial que o trabalho tem na vida dos homens, não se cansou de pregar a necessidade de o vivermos em união com Cristo, dando-lhe assim estatuto de meio privilegiado de santificação pessoal e de apostolado. «Numa sociedade — diz João Paulo II — em que o afã desenfreado de possuir coisas materiais as converte num ídolo e é motivo de afastamento de Deus, o novo Beato recorda-nos que estas mesmas realidades, criaturas de Deus e do engenho humano, quando se usam dectamente para glória do Criador e serviço dos irmãos, podem ser caminho de encontro dos homens com Cristo».

Por fim, o Santo Padre aponta-nos, na vida do Beato Josemaria, o «seu grande amor a Cristo» e o «seu filial amor à Virgem Maria». Da vivência profunda deste dois amores, brotaram todas aquelas virtudes humanas e sobrenaturais, que lhe desenharam o perfil do verdadeiro humanista cristão.

Não faltam, pois, motivos para darmos graças a Deus pela recente beatificação de Mons. Escrivá de Balaguer. Nem carecemos de razões para o tomarmos como exemplo e modelo da nossa peregrinação terrena, a caminho do céu.

Recorramos, confiadamente, à intercessão do novo Beato e supliquemos ao Senhor que apresse a hora da sua canonização.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga